

COISAS DA POLÍTICA

■ TEODOMIRO BRAGA

*eleição presidencial*Avanço de Ciro,
revés de Itamar

Dois lances ocorridos no fim da semana passada alteraram as posições na corrida sucessória para as eleições de 2002 no campo das oposições aos atuais donos do poder. O ex-ministro Ciro Gomes (PPS) obteve o primeiro aliado de peso à sua candidatura presidencial, ao patrocinar o apoio do PPB à candidatura de César Maia (PTB) à Prefeitura do Rio. Na mesma sexta-feira, o governador de Minas sofreu um revés no seu esforço de aproximação com o PT, ao trombar de frente com o partido em Minas. Pelo menos até segunda ordem, o PT está fora do governo Itamar.

Na fase atual do processo sucessório, em que a data do pleito ainda está distante, as iniciativas políticas de Ciro e Itamar têm o mesmo objetivo: conquistar apoio de uma legenda que garanta tempo razoável na televisão durante a campanha eleitoral. Apenas com os três deputados federais que o PPS elegeu em 1998, Ciro teria menos de um minuto na telinha em 2002, tempo insuficiente para fazer dele um candidato competitivo. O desafio de Itamar é ainda maior pois nem partido ele tem. Os dois disputam apoio quase no mesmo terreno, com Itamar com mais chances à esquerda da oposição.

A aliança com César Maia revelou a capacidade de sedução da candidatura de Ciro. A jogada do ex-governador do Ceará, envolvendo um dos principais líderes do PTB, mostrou ainda que o Palácio do Planalto terá de batalhar muito para manter a ampla coalização partidária que assegurou as vitórias de FH em 1994 e 1998. Não é apenas no Rio que os petebistas balançam quando o assunto é Ciro Gomes. Em Minas, líderes importantes do partido também admitem a hipótese de mudar de barco em 2002, dependendo da evolução do cenário político.

O PT desembarcou do barco de Itamar em Minas numa crise mal explicada, provocada pela decisão do governador de demitir professores em greve, na quarta-feira, em reação à determinação dos servidores de manter a paralisação, que entra hoje no seu 40º dia. Ao exigir a solidariedade do PT à medida, Itamar teve como resposta a retirada do partido de sua administração. Nos últimos meses, o PT vinha ampliando sua participação no governo e contava com três secretários, dois subsecretários e centenas de integrantes no terceiro escalão.

Após inúteis tentativas da direção do PT de demover Itamar da decisão de demitir os grevistas, em gestões que envolveram Lula e José Dirceu, deputados estaduais do partido concluíram que o governador criou a situação com o objetivo de levar o PT a sair do governo. A suspeita é reforçada pelo fato de que a greve, depois de ter a adesão de mais de 80% das escolas estaduais, estava se esvaizando e, na semana passada, tinha o apoio de 46% das escolas, segundo levantamento dos sindicatos – ou 15%, conforme a Secretaria da Educação.

Se agiu de forma intempestiva, como acreditam alguns, ou fez uma jogada calculada, como supõem outros, o fato é que, no íntimo, Itamar deve ter ficado satisfeito com o desfecho do caso. Há algum tempo ele já dava sinais de que não agüentava mais a convivência com o PT, reclamando da divisão do partido em diversos grupos e das suas crescentes exigências políticas. Uma delas é a implantação do Orçamento Participativo, uma das promessas de Itamar aos petistas mineiros na campanha eleitoral de 1998.

O episódio não significa o rompimento de Itamar com o PT, alardeava ontem o vice-governador Newton Cardoso (PMDB), enquanto o governador mantinha silêncio sobre o conflito. Os líderes do PT também se empenhavam para salvar as relações com Itamar, tentando reduzir a importância da saída do partido do seu governo. Apesar do divórcio em Minas, os dirigentes petistas ainda sonham com uma união com Itamar, em nível nacional, com vistas às eleições presidenciais de 2002.

Evidentemente o PT prefere o apoio do governador de Minas a um candidato petista, no lugar de uma chapa encabeçada por Itamar com um político petista de vice, como gostariam os aliados do governador. Mas essa questão ainda não entrou nas frequentes conversações entre Itamar e a cúpula do PT, inclusive porque o PT transferiu a discussão sobre seu candidato para depois das eleições municipais. Itamar vinha alimentando o sonho petista ao insistir, nas suas declarações sobre 2002, que não é candidato e tem como único objetivo impedir que FH faça seu sucessor.